

CAMINHOS DA ARQUITETURA MODERNA EM FORTALEZA: A CONTRIBUIÇÃO DO ARQUITETO ROBERTO MARTINS CASTELO

Ricardo Alexandre Paiva
Beatriz Helena Nogueira Diógenes

Resumo:

O presente trabalho trata dos desdobramentos da arquitetura moderna brasileira em Fortaleza, enfocando a contribuição da obra e das atividades pedagógicas do arquiteto e professor Roberto Martins Castelo. As manifestações da arquitetura moderna surgiram em Fortaleza tardiamente e foram introduzidos por intermédio da atuação da primeira geração de arquitetos, inicialmente formados nas escolas de arquitetura do sudeste, da qual faziam parte Liberal de Castro, Neudson Braga, Armando Farias, Enéas Botelho, Ivan Britto, Marcílio Luna, José da Rocha Furtado, Gehard Bormann e posteriormente por meio da produção dos profissionais egressos da Escola de Arquitetura de Arquitetura da UFC, fundada em 1965. Essa arquitetura de feição moderna caracteriza-se simultaneamente pela adoção dos pressupostos racionalistas aplicados no centro-sul do país, bem como pela necessidade de adaptação aos valores culturais locais. Nesse contexto, é relevante a participação do arquiteto Roberto Martins Castelo, diplomado na Universidade de Brasília em 1969, e cuja atuação em Fortaleza é bastante significativa, tanto no que se refere à sua produção arquitetônica como à sua atividade pedagógica como professor de Projeto do DAU-UFC, exercendo influência em toda uma geração de arquitetos. É objetivo dessa pesquisa, pois, estudar a produção arquitetônica e intelectual do professor arquiteto Roberto Castelo, tido como importante ator da transformação e modernização da arquitetura cearense, desde a década de 1970. A contribuição de Castelo constitui importante acervo a ser documentado e justifica-se pela suas preocupações com o processo de recepção, difusão e consolidação da arquitetura moderna na cidade, na busca da intermediação dos valores universais com os valores locais.

Palavras-chave: arquitetura moderna, Fortaleza, Roberto Castelo

Abstract:

This work discusses Brazilian modern architecture, focusing on the design projects and teaching activities of architect Roberto Martins Castelo. The modern architecture movement developed late in Fortaleza, Brazil. It was introduced by the first generation of architects, mostly graduated from the Universidade do Brasil, in Rio de Janeiro, in the early 1960's. They were José Liberal de Castro, Neudson Braga, Armando Farias, Enéas Botelho, Ivan Britto, Marcílio Luna, Gehard Bormann and José da Rocha Furtado, the last one graduated from the Universidade de São Paulo. Later on, young architects, graduated from the Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará (UFC), created in 1965, came to join that first group. Their architectural designs, produced along the last decades, followed the rationalist school, into which most of the architecture produced by professionals from Rio de Janeiro and São Paulo fell, and the need to adapt their work to local cultural values and climatic conditions. Within this context, Castelo's contributions are clearly recognisable and relevant, having influenced an entire generation of architects, in the State of Ceará and mainly in Fortaleza, since the early 1970's. Graduated from the Universidade de Brasília, in 1969, Castelo's professional life is not only meaningful concerning his architectural production but also concerning his educational practice at the Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC. In both he is concerned about the processes of reception, transmission and consolidation of modern architecture within the city, seeking interaction of universal and local values.

Key-words: Modern architecture, Fortaleza, Brazil, Roberto Castelo

CAMINHOS DA ARQUITETURA MODERNA EM FORTALEZA: A CONTRIBUIÇÃO DO ARQUITETO ROBERTO MARTINS CASTELO

1 - A FORMAÇÃO: ENTRE OS MODERNOS

Roberto Martins Castelo, nascido em Fortaleza em 1939, pertence à geração de arquitetos que vivenciou, na condição de estudante, a inédita experiência empreendida na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, contemporânea à própria fundação da Capital, quando assimilou o projeto moderno em toda a sua plenitude, premissa esta que faz com que ele admita, sem reservas, ser um “*moderno empedernido*”.

Sob a influência do tio, professor e crítico em literatura da Universidade de São Paulo, Castelo, ainda como estudante secundarista na capital paulista, envereda pelo universo da cultura brasileira, inquietação que o vai acompanhar em toda a sua trajetória profissional. Com sólida formação humanista, vê despertado seu interesse pela literatura e pelas artes em geral, o que iria orientá-lo mais tarde para os caminhos da Arquitetura. Influenciado também pelo pai, engenheiro, opta por prestar vestibular em Arquitetura, quase como uma atitude conciliatória entre arte e técnica.

O ingresso na recém criada Universidade de Brasília, símbolo dos valores preconizados por Darcy Ribeiro, seu principal idealizador, coincide com as expectativas criadas em torno da consolidação de um processo democrático em busca de justiça social, direcionado para a construção de um Brasil moderno, cuja materialização era sua própria Capital.

Brasília ratificava, no plano político, econômico e social, não somente a concretização do ideário simbólico-representativo pretendido pelo Estado, signo da industrialização e do desenvolvimento, mas também, e sobremaneira, a maturidade da arquitetura moderna brasileira frente ao panorama internacional, subjacente à projeção da capacidade empreendedora do país.

(...) para a maioria dos arquitetos e críticos brasileiros, Brasília consubstancia o tempo e o espaço da tão esperada afirmação da arquitetura nacional dos tempos modernos, culminância de um ciclo iniciado pelo Movimento Modernista da década de vinte. Mas não apenas isso, pois para a totalidade dos arquitetos de então, a construção da nova capital marcava também a realização da não menos sonhada afirmação da profissão. (BICCA, 1985:106).

Neste contexto, a Faculdade de Arquitetura da UnB se configurava como uma experiência revolucionária, seja porque a matriz pedagógica era o conteúdo programático proposto por Darcy Ribeiro, na qual os cursos eram alimentados pelos diversos institutos¹, possibilitando uma

¹ O currículo do curso de Arquitetura da UnB era composto por dois estágios: o primeiro, de formação básica, com disciplinas do Instituto Central de Arte (ICA), do Instituto Central de Ciências Humanas, e dos Institutos de Ciências. Somente depois do terceiro ano é que se ingressava no curso profissional, com as disciplinas próprias do curso de Arquitetura.

formação abrangente, diversificada e personalizada; seja porque, desde a sua fundação, sob a direção de Niemeyer, a escola concentrava os fluxos de profissionais de origens diversas, confirmando o panorama de difusão dos valores da arquitetura moderna no País, por intermédio da criação de escolas de arquitetura, viabilizados, segundo Segawa (2002), pelo deslocamento de “arquitetos peregrinos, nômades e migrantes”:

A síntese do signo do deslocamento na arquitetura encontra sua maior expressão em Brasília: o corpo docente da experimental Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília foi formado por um contingente de jovens do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, capitaneados por mestres do porte de um Oscar Niemeyer, Alcides da Rocha Miranda e Edgar Graeff. A reunião desses arquitetos num ponto então longínquo no território brasileiro confunde-se com a própria epopéia de centenas de milhares de brasileiros, que vislumbram em Brasília uma nova etapa da história do país. (SEGAWA, 2002:133).

Este ambiente fecundo proporcionado pela faculdade, aliado ao fato de Brasília constituir à época um grande canteiro de obras, configura como as primeiras referências pessoais de Castelo. A figura do Oscar, como costuma se referir ao mestre, foi decisiva na definição da sua postura diante da arquitetura, sobretudo no que se refere ao domínio da forma e às possibilidades plásticas do concreto, devoção que o acompanha até hoje. Esta convivência com Niemeyer, João Filgueiras Lima (Lelé), Alcides da Rocha Miranda e Edgar Graeff², alinha Roberto Castelo, numa primeira instância, ao ideário moderno de filiação carioca.

A preocupação em embasar o projeto arquitetônico nas questões teóricas nasceu do contato mais próximo estabelecido com Edgar Graeff, na condição de monitor da disciplina de Teoria da Arquitetura. Esta experiência foi fundamental para sua vida acadêmica, como estudante e, posteriormente, para sua atuação profissional, como projetista e como professor da disciplina de Projeto Arquitetônico.

A estas contribuições iniciais foram acrescidas experiências marcantes na formação do arquiteto, ocorridas no contexto dos desdobramentos do golpe de 1964. Os aparatos ideológicos e repressivos do governo militar, com o intuito de desarticular qualquer foco de resistência ao regime, atingiram diretamente as universidades e suas lideranças acadêmicas (professores e estudantes). A repressão atinge de forma tardia o Curso de Arquitetura e a Faculdade fecha suas portas por três meses.

O processo de reabertura do Curso, do qual Castelo participou de forma decisiva³, é bem conturbado e se configura como uma resistência por parte do movimento estudantil frente às imposições do regime em formar inicialmente um quadro de professores militares tecno-

² Edgar Graeff (1921-1990), formado (1947) na Faculdade Nacional de Arquitetura, “foi quem levou para Porto Alegre a informação da linha carioca, influenciou na organização da Faculdade de Arquitetura, tornando-se um indiscutível líder intelectual, fortemente impregnado do ideário arquitetônico originado do Rio de Janeiro” (SEGAWA, 2002: 132)

burocratas. Segundo o depoimento do arquiteto⁴, a oposição se fez através do conhecimento, e não da rebeldia. A atitude estratégica adotada se fundamentava na incumbência assumida pelos próprios alunos, sob a liderança do centro acadêmico, em formar grupos de estudos nas diversas áreas de conhecimento da Arquitetura, a fim de fazer frente aos procedimentos truculentos utilizados pela repressão militar. Tratava-se de uma postura política e ideológica que perpassava pelo conhecimento, seriedade e sensatez, e não por uma reação descabida e indisciplinada, de caráter político-partidário.

Roberto Castelo compunha a comissão formada por professores⁵ e alunos responsáveis pela reabertura da Faculdade e pela garantia da permanência da qualidade de ensino da época da fundação. Neste sentido, incidiu sobre a formação do arquiteto um conjunto de novas experiências e influências, resultado tanto do empenho aos estudos como forma de contestação, como do contato com novas referências, marcadamente paulistas, oriundas de alguns membros da comissão, tais como: Paulo Mendes da Rocha e Paulo Bastos, além de Fábio Penteadó⁶.

Castelo, como era conhecido em Brasília, considera-se privilegiado por ter vivenciado este momento de grande efervescência cultural. A UnB, como costuma dizer, configurava-se à época grande atrativo para qualquer intelectual interessado no progresso cultural e material do país, além de se constituir a Cidade verdadeiro emblema da arquitetura moderna brasileira.

Durante o período conturbado do processo de reabertura da Escola, Castelo afastou-se por seguidos períodos do ambiente de crise, quando se dirigia à Fortaleza, reestabelecendo os vínculos com a terra natal.

2 - A ATUAÇÃO PROFISSIONAL: ENTRE TEORIA E PRÁTICA

A criação da Escola de Arquitetura da UFC.

Em 1965, foi instalada a Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, criada por iniciativa de um deputado federal em fins de 1964. Alguns poucos arquitetos⁷ da Cidade, diplomados fora do Estado, em geral no Rio de Janeiro, atenderam à convocação do então reitor Martins Filho para fazerem funcionar o Curso de Arquitetura.

Pela primeira vez, no ensino em Arquitetura, um grupo de arquitetos tinha isoladamente a oportunidade e responsabilidade de montar um curso destinado ao ensino da sua profissão (...) a escola tornou-se quase que imediatamente um grande centro de atividades culturais

³ Roberto Castelo, com habilidade e espírito de liderança, teve participação importante no processo, atuando como intermediador entre estudantes e professores membros da comissão responsável pela reabertura da Faculdade.

⁴ Vale salientar que muitas das informações utilizadas neste trabalho provêm de depoimentos do arquiteto aos autores, em entrevistas realizadas no mês de janeiro de 2006.

⁵ Os professores que compunham a comissão eram: Miguel Pereira (RS), Paulo Mendes da Rocha (substituído posteriormente por Paulo Bastos (SP)), Neudson Braga (coordenador) e Liberal de Castro (CE) e Paulo Magalhães (DF).

⁶ O arquiteto Fábio Penteadó, presidente do IAB Nacional neste período, foi o responsável pelas negociações entre o IAB e a UnB no processo de reabertura da Faculdade de Arquitetura.

⁷ A comissão responsável pela instalação da Escola de Arquitetura era formada pelos arquitetos Liberal de Castro, Neudson Braga, Armando Farias e Ivan Brito, sob a liderança acadêmica de Hélio Duarte.

da Universidade e da Cidade, envolvida numa aventura pedagógica apaixonante. (CASTRO, 1982:14).

A fundação da Escola serviu como ponto de inflexão na transformação da produção arquitetônica e na introdução da arquitetura moderna em Fortaleza. O curso de Arquitetura era reconhecido como o grande centro de referência cultural⁸ da Universidade e da Cidade (CASTRO, 1982).

Foi este ambiente fecundo que Castelo passou a freqüentar quando de suas constantes vindas à Fortaleza, durante os períodos em que se afastava de Brasília, por força das paralisações do curso, em razão dos conflitos então freqüentes na UnB. Na Escola, mantém contatos com alunos e mestres, dentre os quais os estudantes Fausto Nilo, Paulo Cardoso e Nearco Araújo e os professores Neudson Braga, Liberal de Castro, Armando Farias e outros. Participava de aulas, das discussões freqüentes sobre arquitetura e de outras atividades, como levantamentos da arquitetura antiga na cidade de Aracati⁹. Deste convívio, ainda como estudante, nasce o convite para lecionar na Escola, para onde vem, em 1970, após diplomar-se na UnB.

A Atividade Didática

Como professor, optou *a priori* pela disciplina de Introdução à Arquitetura e Urbanismo, quando teve a possibilidade de transmitir aos alunos dos semestres iniciais o arcabouço teórico adquirido na UnB, especialmente os ensinamentos de Graeff, cuja influência esteve sempre presente em seus estudos sobre a arquitetura.

À frente da disciplina, preconizava a leitura do espaço urbano a partir das categorias de análise enunciadas por Kevin Lynch em “A Imagem da Cidade”, que norteiam a orientação e os deslocamentos humanos, como também com base na visão seqüencial proposta por Gordon Cullen na percepção da “Paisagem Urbana”. No que se refere à arquitetura, procurou adaptar as abordagens desses autores a uma leitura crítica do edifício.

Posteriormente, aliada à experiência prática de projeto e construção, o arquiteto passa a lecionar a disciplina de Projeto Arquitetônico, advogando a vigência das práticas arquitetônicas modernas e o comprometimento social que lhe é implícito. Na disciplina, adota como prática metodológica a referência da obra de Georges Candillis, na composição racional dos elementos e articulação das funções.

Intelectual, conhecido por sua dedicação aos estudos, leitor voraz e amante do debate constante sobre a produção da arquitetura moderna brasileira, Roberto Castelo logo se converteu em figura de referência para os alunos.

⁸ O ambiente da Escola de Arquitetura foi o celeiro de grandes compositores e músicos cearenses, tais como: Fausto Nilo, Ricardo Bezerra, Fagner e Petrucio Maia e Belchior.

⁹ Mais tarde, já como professor da casa, Roberto voltaria a participar da prática de levantamentos da arquitetura antiga cearense, na cidade de Sobral, em 1973.

A postura ética, a inquietação intelectual e o apego à crítica arquitetônica tornaram-se traços característicos de sua personalidade, atributos esses evidenciados nos “bate-papos” freqüentes com os estudantes, acompanhados por seu já conhecido hábito de “falar desenhando”, elaborando seus croquis, inspirados nos de Niemeyer, prática que certamente transferiu para os alunos.

Na atividade docente, portanto, sua cultura arquitetônica o qualificou como um dos professores mais respeitados. Suas idéias, francamente expostas nos cursos ministrados, em textos escritos e em conversas informais tiveram seguidores em seus alunos¹⁰ e admiradores, exercendo papel fundamental ao longo de toda a história do Curso de Arquitetura.

Sua atividade acadêmica extrapola os limites da sala de aula. Exerceu por diversas vezes a função de Chefe de Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC e esteve à frente da coordenação do Curso de Arquitetura. Por seus méritos profissionais, foi indicado em várias ocasiões a participar, como jurado, em premiações e concursos¹¹ nacionais e locais. Como orientador de trabalhos finais de graduação, teve alunos premiados no concurso Ópera Prima.

A Contribuição Acadêmica

A produção escrita do arquiteto se direcionou, em grande parte, aos alunos da disciplina de Projeto Arquitetônico¹². Estes textos foram elaborados como forma de estimular, nos estudantes, segundo depoimento do próprio arquiteto, o apego à leitura e à reflexão acerca do fazer arquitetônico. Para o professor,

A arquitetura é social porque depende do meio em que se insere e que nela se exprime em diversos graus de perfeição; e por produzir sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua concepção e ação sobre o mundo ou neles reforçando o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os próprios arquitetos. (CASTELO, 2001).

¹⁰ Entre seus ex-alunos, Juliana Atem, Ricardo Fernandes e Tatiana Borges comprovam de forma enfática essa influência:

“Encontrar o professor Roberto Castelo naquele momento do curso (8º semestre) foi realmente decisivo para minha formação. A partir dali, a arquitetura que me foi apresentada, encantou, seduziu, transformou meu olhar e é minha companheira até hoje. No entanto, poder conviver, contar e compartilhar de maravilhosos momentos com o amigo Roberto foi, de fato, o mais importante. Uma parte de mim nasceu nestes encontros”. (Juliana Atem, arquiteta diplomada em 1997).

“Com o Roberto aprendi que a arquitetura não é pura criação do espírito. Que seu entendimento e produção não se restringem ao domínio de um certo aparato técnico ou artístico. Que a criação arquitetônica, ainda que seja obra individual, decorre de certa visão de mundo social e culturalmente condicionada, sendo, portanto, fenômeno coletivo. Aprendi, ainda, que para apreendê-la criticamente e concebê-la conscientemente é preciso que o estudo e a leitura ultrapassem as fronteiras do conhecimento arquitetônico específico e incorporem elementos capazes de desnudarem a realidade social, política e econômica que a conforma. Aprendi, finalmente, que o arquiteto deve ser fiel a princípios sólidos, que sua obra confirme seu discurso e que se ele acredita no que propõe deve ser fiel a seus ideais e não se dobrar placidamente às veleidades que caracterizam boa parte das demandas que lhe são apresentadas”. (Ricardo Fernandes, arquiteto diplomado em 1996).

“Na experiência acadêmica encontramos educadores de profissionais e professores. Creio que Roberto nunca pensou em formar apenas um arquiteto, mas um ser humano com outras grandezas. A relação da arquitetura com tantos outros campos do conhecimento, a necessidade de aprofundamento das questões, o encantamento com a solução espacial, a dedicação à universidade e o incentivo ao conhecimento de nosso país são, para mim, os maiores legados do mestre onipresente, arquiteto de formação sólida e amigo generoso”. (Tatiana Borges, diplomada em 1996).

¹¹ Participou, como jurado, do concurso de anteprojeto para o Pavilhão do Brasil na Exposição de Sevilha (1992), do anteprojeto para o Edifício da Câmara Legislativa do Distrito Federal (1989) e, em Fortaleza do concurso de anteprojeto para o Anexo do Tribunal Regional do Trabalho (1994). Também compôs recentemente o juri da Premiação Anual do IAB 2005.

¹² Destacam-se os textos: “A Arquitetura e a ‘Modernização’ Tecnológica” (1990) e “Arquitetura e Sociedade”(2001).

Nos últimos anos, elaborou uma série de artigos¹³ para os jornais da Cidade, discutindo a produção arquitetônica contemporânea em Fortaleza, sua ligação com o turismo e os vínculos com o social. O tom do discurso, que critica as transformações da arquitetura local face às premissas da pós-modernidade, ratifica a sua defesa aos princípios da arquitetura moderna.

Apesar da personalidade retraída e sensibilidade aguçada, sempre demonstrou veementemente suas posições, por vezes até extremadas, na defesa dos seus princípios, visíveis na sua paixão explícita pelo ofício da arquitetura e no seu poder de persuasão, expressos de maneira enfática, mas sempre de forma elegante e afável.

Não obstante o respeito generalizado à figura do arquiteto e professor, o seu excessivo rigor no trato das questões arquitetônicas é criticado por alguns, considerado como uma posição ortodoxa, o que não altera, entretanto, absolutamente, o seu elevado conceito como arquiteto.

Atualmente, dedica-se a escrever um ensaio sobre a obra de Niemeyer – referência fundamental na trajetória do arquiteto. No trabalho, Roberto expõe também seu próprio pensamento e entendimento acerca dos caminhos da arquitetura.

A Atividade Projetual – a prática moderna

Paralelamente à atividade didática, inicia seus trabalhos como projetista de arquitetura em escritório próprio. As primeiras realizações, na sua maioria residências, são encomendas de parentes e amigos e materializam os fundamentos preconizados pela arquitetura moderna brasileira. No decorrer da década de 1970, Fortaleza oferecia ambiente favorável para o desenvolvimento dessa postura arquitetônica, sendo amplamente assimilada pela clientela local, na sua maioria profissionais liberais. Neste contexto, consolida-se a afirmação da produção arquitetônica erudita na capital, em substituição a uma produção de caráter mais prático, anteriormente a cargo de leigos.

Embora o arquiteto tenha contribuído para a ruptura de manifestações arquitetônicas inscritas no universo de uma *“modernidade pragmática”*¹⁴, estas transformações foram precedidas pela geração de arquitetos supracitados que começaram a atuar ainda na década de 1960. Cabe salientar, inclusive, que a atitude adotada por Castelo no campo projetual, se difere fundamentalmente dos primeiros projetos modernos construídos em Fortaleza. Enquanto que os pioneiros, tais como Enéas Botelho, Liberal de Castro e Neudson Braga eram herdeiros diretos da escola carioca e enfrentaram as limitações materiais e dificuldades iniciais na afirmação da profissão, Castelo encontrou o caminho aberto para introduzir inovações, orientadas majoritariamente pelas referências formais e construtivas da chamada “escola paulista”.

¹³ Artigos: “Novos arranjos arquitetônicos” (Jornal *O Povo*, 01/11/1997), e “A Cidade e o turismo” (Jornal *O Povo*, 09/08/1998) e “Resistência versus submissão” (Jornal *O Povo*, 20/08/2006)

¹⁴ Segawa (2002) insere o Art Déco e outras tendências protomodernas dentro de uma **modernidade** dita **pragmática**, que teve ampla aceitação no plano informal da produção da arquitetura, pois constituía um *mélange* entre popular e erudito, contrário ao **modernismo programático**, vertente oficial e erudita, sustentada nos preceitos racionalistas europeus.

Assim sendo, procura conciliar a matriz dos modelos produzidos por essa vertente, que se caracteriza pela sua intenção ética, estética, pela industrialização da construção, a exploração do concreto aparente, a laje nervurada, o desenho do pilar, sempre justificados como verdade estrutural, com as condições locais, na tentativa de produzir, a partir de então, uma arquitetura peculiar, de feição moderna, mas fortemente marcada pelos aspectos próprios do nosso clima e materiais.

O arquiteto logo toma a consciência do desafio de adaptar os fundamentos do modernismo arquitetônico às particularidades locais, atentando principalmente para os imperativos do clima, em especial a insolação tirana e em contrapartida, o hábito do cearense de “*ficar à sombra*” somado ao benefício da brisa que sopra durante quase todo ano. Em suas obras, procurou sempre combinar a sensibilidade de arquiteto com a racionalidade própria do entusiasta dos princípios da arquitetura moderna.

Os projetos do arquiteto sempre enfatizam a estrutura como um elemento explícito e significativo na definição plástica do edifício, pois não concebe a existência das formas divorciadas da lógica estrutural que lhes dá suporte e as justifica. A arquitetura de Castelo, portanto, apresenta-se dentro de um rigoroso método projetivo e construtivo, buscando acima de tudo a racionalidade, o apuro tecnológico do detalhe e preconizando a experiência no canteiro através do acompanhamento à obra.

Tendo iniciado suas atividades sozinho, logo junta-se a José da Rocha Furtado Filho, arquiteto diplomado em 1968 na FAUUSP. Do trabalho conjunto com Furtado, como é conhecido, resultaram obras de relevante interesse, dentre os quais se destacam inúmeras residências, e a obra mais significativa, a Assembléia Legislativa do Ceará, projeto elaborado em 1972.

Mais tarde forma outras parcerias¹⁵ com colegas e ex-alunos, co-autores em obras como o Centro de Artesanato, o Instituto Médico Legal e a Secretaria da Fazenda.

3 - PRINCIPAIS OBRAS

A obra do arquiteto, apesar de significativa, é relativamente pequena, face ao envolvimento maior com a atividade didática. Além disso, seus arraigados pressupostos intelectuais e éticos também dificultaram, de certa forma, sua atividade profissional frente ao mercado, atividade essa considerada pelos colegas como “*intelectualizada*”.

A produção arquitetônica de Castelo se restringe a poucas tipologias, principalmente residências unifamiliares e edifícios públicos.

¹⁵ Além de Rocha Furtado, foram parceiros de Castelo em diferentes projetos: Ramon Neves, Ronaldo Alvcedo, Nearco Araújo, Nélia Romero, Melânia Lobo, Eliana Medeiros e Maria do Carmo Bezerra.

A metodologia adotada neste trabalho, para a análise do conjunto da obra, consiste na identificação dos elementos da arquitetura moderna brasileira e sua adaptação aos condicionantes locais, a partir de uma ordem cronológica.

As Residências – variações do modelo moderno

Na sua atividade projetual, predominam residências unifamiliares, a maioria localizada no bairro da Aldeota¹⁶ em Fortaleza, quase todas construídas na década de 1970 e em grande parte já demolidas. Essas casas fazem parte de uma fase inicial da produção da arquitetura moderna em Fortaleza:

Nessa ocasião, a cidade de Fortaleza conheceu grande incremento na produção de obras realizadas de acordo com projetos elaborados por arquitetos, iniciando-se uma nova fase na arquitetura cearense. Em muitas das obras tirava-se partido estético do concreto aparente, a estrutura apresentando-se como elemento fundamental. (DIÓGENES, 2001:111).

As características comuns nas residências projetadas por Castelo podem ser percebidas principalmente no uso constante da estrutura aparente de concreto, permitindo a flexibilidade dos espaços internos, definindo os limites entre vedação e estrutura, contribuindo também para a expressão plástica da edificação.

Os elementos da arquitetura moderna brasileira aparecem na utilização de grandes vãos, com lajes nervuradas, na busca da verdade estrutural, uma intenção quase didática ao compor o edifício. Em contrapartida, as peculiaridades do lugar fazem com que o arquiteto inclua algumas inovações, a fim de adaptar o repertório moderno às condicionantes climáticas locais. Estas preocupações se expressam na criação de áreas sombreadas, usando o artifício de varandas, pergolados e abas na cobertura, extensões da própria estrutura. Além disso, o emprego de mecanismos que proporcionam o aproveitamento da ventilação abundante de Fortaleza, como as esquadrias de madeira tipo venezianas¹⁷ e os cobogós, ambos elementos historicamente recorrentes na arquitetura cearense.

Estes recursos retirados do repertório arquitetônico local de domínio público são reestruturados de maneira erudita, de modo a compor um todo harmonioso e coerente com o vocabulário moderno. A tipologia residencial proposta por Castelo demonstra um sincretismo entre os valores universais e os imperativos locais, rompendo com os modelos então vigentes. Como consequência, a aparência das casas não remete de forma literal ao emprego convencional dos elementos locais. Ao contrário, esses recursos respondem aos imperativos do clima, mantendo, no entanto, uma feição marcadamente moderna.

¹⁶ O bairro da Aldeota constitui zona residencial de alta renda em Fortaleza, desde a sua formação no início do século XX, embora parte dele tenha se transformado nas últimas décadas num novo centro de comércio e serviços de expressiva relevância na cidade, razão pela qual grande parte das residências unifamiliares existentes tem sido demolida, substituídas por edifícios altos. (DIÓGENES, 2005)

Na residência Rui Amaury Castelo (1972) (Fig. 01), a primeira projetada pelo arquiteto, o programa está resolvido em um único pavimento e estruturado com base numa malha ortogonal que define a estrutura. Nesta residência¹⁸, como em outras contemporâneas, foram utilizadas lajes planas, que avançam além do limite das vedações e possuem um tratamento brutalista, visíveis na textura dos materiais empregados (concreto, alvenaria, esquadrias) (Fig. 02).

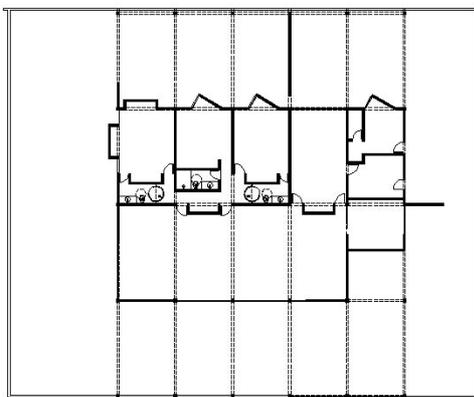


Figura 01: Planta Residência Rui Amaury Castelo (1972).
Fonte: Levantamento alunos CAU-UFC



Figura 02: Residência Rui Amaury Castelo (1972).
Fonte: Arquivo Pessoal José Furtado Filho.

A racionalidade das decisões arquitetônicas se faz evidente também na Residência L. O. Castelo (1973) (Fig 03), com solução em dois níveis que ocupam toda a largura do terreno. A sacada das varandas dos dormitórios no pavimento superior, em conjunto com esquadrias, expressam a horizontalidade da composição. No pavimento térreo, o arquiteto utiliza grandes superfícies de esquadrias com caixilharia de ferro e vidro e com sistema de abertura em basculantes, recurso bastante adequado para garantia da ventilação e iluminação natural (Fig. 04). Destaca-se, na composição, o volume cônico da caixa d'água construído em concreto.



Figura 03: Residência O. L. Castelo (1973).
Fonte: Fonte: Arquivo Pessoal José Furtado Filho



Figura 04: Vista Interna Residência O. L. Castelo (1973).
Fonte: Fonte: Arquivo Pessoal José Furtado Filho

¹⁷ As esquadrias tipo "venezianas" generalizadamente usadas no Ceará possuem um mecanismo que permite a articulação das régua de madeira, possibilitando o controle da luz e ventilação. São conhecidas por esquadrias de "tabuleta móvel".

Os panos de cobogó empregados na Residência Francisco Alcides Germano (1975) (Fig. 05) demonstram a preocupação do arquiteto em aplicar soluções adequadas ao contexto local, além de constituírem elementos pré-moldados, confirmando a racionalidade construtiva das suas obras.



Figura 05: Residência Francisco Alcides Germano (1975)

Fonte: Arquivo Pessoal José Furtado Filho

A maioria das residências projetadas se desenvolve em bloco único e os espaços internos se articulam por escadas que não marcam a volumetria externa, bem ao gosto da arquitetura paulista. No entanto, diferentemente daqueles modelos, as casas não apresentam o aspecto introspectivo e fechado em relação ao entorno.

Em muitos casos, devido às resistências impostas pelas especificidades locais (clima, materiais e mão de obra), o arquiteto teve a maturidade de adaptar o modelo moderno e propor novas soluções, como por exemplo, se valer da utilização de placas cerâmicas sobre a laje plana, a fim de minimizar os efeitos térmicos do concreto, isolando o calor externo.

A Assembléia Legislativa do Ceará – a obra emblemática

Situada no Bairro Dionísio Torres e exemplo da migração de funções administrativas do Centro para o quadrante leste-sudeste, a Assembléia constitui um marco moderno na paisagem urbana de Fortaleza.

A originalidade da obra provém de vários aspectos, a saber: a implantação no terreno; a sua monumentalidade, explícita na sua escala e na sua destinação como edifício público, sede do poder legislativo e a localização, em uma área predominantemente residencial unifamiliar.(Fig. 06)

¹⁸ O levantamento desta residência e outras representativas da arquitetura moderna em Fortaleza estão sendo realizadas pelos alunos da disciplina de Desenho Arquitetônico 1, ministrada pela Profa. Zilsa Santiago.

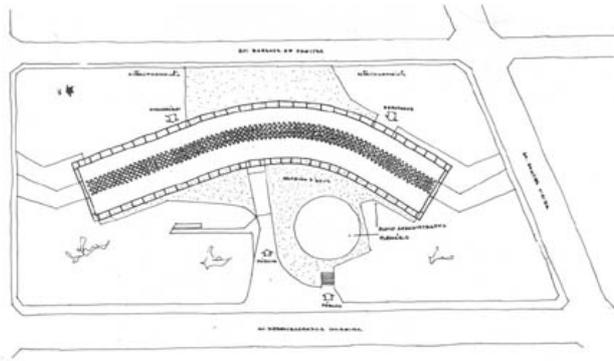


Figura 06: Situação Assembléia Legislativa do Ceará
 Fonte: Cadernos Brasileiros de Arquitetura

Situado na confluência de duas importantes avenidas, a implantação obedece aos pressupostos modernos de inserção urbana, pois se impõe de maneira unitária na quadra, permitindo a visualização do conjunto arquitetônico sem barreiras visuais e físicas. A arborização abundante do sítio configura o pano de fundo da obra. Nesta relação com o entorno,

procurou-se uma solução que evidenciasse a simplicidade construtiva e formal, compatibilizando a escala do edifício com o entorno circundante (uso residencial), sem prejuízo do tratamento a ser conferido à sede do Poder Legislativo¹⁹

Constituída pela associação de dois volumes que ora se contrapõem, ora se complementam, o primeiro uma linha curvilínea que contém os gabinetes dos deputados e funções administrativas e o segundo um volume com planta central que abriga o plenário.

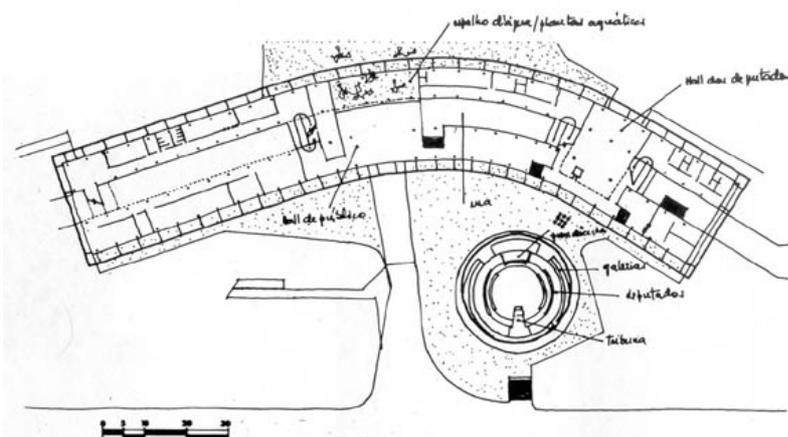


Figura 07: Planta Assembléia Legislativa do Ceará (1972)
 Fonte: Cadernos Brasileiros de Arquitetura

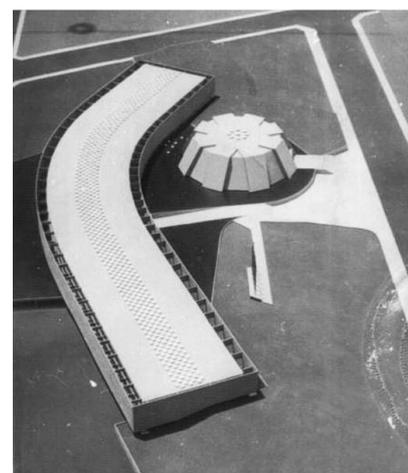


Figura 08: Maquete
 Fonte: Arquivo Pessoal José Furtado Filho

¹⁹ Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Panorama da Arquitetura Cearense (Vol. 02) – página 106.

Certamente, este é o projeto em que a influência da escola paulista é mais explícita, notadamente do projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) de Artigas. É perceptível também, embora de forma mais residual, a citação à obra de Niemeyer, na utilização da curva. A disposição interna do espaço se estabelece a partir de uma rua central, “coberta por uma malha de domos que filtram a luz intensa do sol e possibilita um sistema de exaustão forçada”²⁰, a qual ocupa toda a extensão longitudinal do edifício. Este percurso está interligado visualmente pelos cinco níveis que estão dispostos de maneira intercalada e se articulam através de halls e escadas.

As empenas de concreto aparente totalmente soltas do chão isolam o ambiente interno do contexto urbano, contribuindo para priorização do espaço arquitetônico. Outro ponto de interseção com o protótipo da arquitetura paulista são as soluções de iluminação zenital do espaço central, que, juntamente com o vazio formado entre a empena e os gabinetes são responsáveis pela iluminação e ventilação do edifício.



Figura 09: Vista Interna Assembléia.
Fonte: Arquivo Pessoal José Furtado Filho



Figura 10: Vista Interna Assembléia.
Fonte: Arquivo Pessoal José Furtado Filho



Figura 11: Acesso Público à Assembléia.
Fonte: Arquivo Pessoal J. Furtado Filho



Figura 12: Interior Plenário
Fonte: Arquivo Pessoal J. Furtado Filho

²⁰ Idem

Embora admita tal influência, Castelo salienta que a longitudinalidade e a forma curva adotada contribuiu para criar uma perspectiva dinâmica do espaço interno, diferente da FAU, onde as formas são mais rígidas. Esta dinâmica pode ser verificada também na apreensão da volumetria externa, pois contrasta com a forma regular do terreno.

Considerada pelo arquiteto como sua obra mais significativa, Castelo destaca como ponto alto do projeto o contraste existente entre os espaços externos e internos. De fato, ao se adentrar o edifício da Assembléia, não se supõe a riqueza espacial com que se depara: a alternância dos planos em diferentes níveis, a iluminação zenital e a dinâmica articulação dos diversos ambientes.

Novas experiências estruturais

Pavilhão do Instituto de Educação do Ceará

Também da década de 1970, o projeto do Pavilhão do Instituto de Educação do Estado do Ceará, feito em parceria com o arquiteto Ronaldo Alcedo mantém características da arquitetura paulista, percebidas na utilização das grandes empenas de concreto aparente – concebidas de modo a compor plasticamente a edificação - nos vãos generosos resultantes e na fluidez do espaço interno. Esta obra é significativa por se constituir uma das primeiras da Cidade a empregar a grelha de concreto armado²¹, com modulação de aproximadamente 1,00 x 1,00m. O cálculo estrutural, ousado para a época, foi do engenheiro Valdir Campelo.



Figura 13: Pavilhão Instituto de Educação do Ceará (1973-1974)
Fonte: Diógenes (2001)



Figura 14: Pavilhão Instituto de Educação do Ceará (1973-1974)
Fonte: Diógenes (2001)

Fábrica de Sorvetes BemBom

Projetada em 1974, conjuntamente com o arquiteto José da Rocha Furtado, a Fábrica de Sorvetes BemBom (atual indústria de refrigerantes Mais Sabor) constitui outra experiência inovadora no

²¹ A laje “em grelha”, solução estrutural bastante comum atualmente nas obras em Fortaleza, passou a ser usada de forma intensiva na Cidade a partir da década de 90.

campo estrutural e merece destaque pelo emprego das cascas de concreto aparente, elemento marcante na fachada do edifício. Mais uma vez a estrutura aparece como elemento fundamental da composição plástica. As cascas, de apenas 6 cm, vencem um vão de 7,00 m e foram usadas de forma pioneira na Cidade.

O projeto estrutural é também de Valdir Campelo, que tornou-se o calculista preferido dessa geração de arquitetos, por sua extraordinária visão do sistema estrutural e sua disposição em aceitar novos desafios²²:



Figura 15: Fábrica de Sorvetes Bambom (1974)
Fonte: Diógenes (2001)



Figura 16: Fábrica de Sorvetes Bambom (1974)
Fonte: Diógenes (2001)

Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará

O plano diretor do Centro Administrativo do Cambeba, de autoria dos arquitetos Nasser Hissa, preconizava a implantação do poder executivo estadual e suas respectivas secretarias em meio uma vasta área verde pouco urbanizada, definida por edifícios isolados e articulados por grandes eixos de circulação. O complexo possui características nos moldes do urbanismo moderno²³.

²² “Figurando como um dos engenheiros com maior número de obras executadas na cidade, Valdir Campelo era um estudioso do assunto e se empolgava com os desafios propostos pelos arquitetos, (...) procurando encontrar a solução correta para cada problema. Como professor, sempre preocupado com a visão que o arquiteto deveria ter do problema estrutural, procurou desenvolver metodologias que levassem o estudante à compreensão global do projeto de estruturas. Era comum discutir os objetivos e métodos dos seus cursos com os professores arquitetos”. (DIÓGENES, 2001:116).

²³ “A partir da década de 1970, semelhante a outras cidades, influenciado pela experiência de Brasília como sede do poder e seu resultado formal modernista, o Governo do Estado transferiu definitivamente suas instalações administrativas para uma área periférica da cidade (Cambeba), completando sua fuga parcial anterior para o Bairro da Aldeota” (PAIVA, 2005:74).

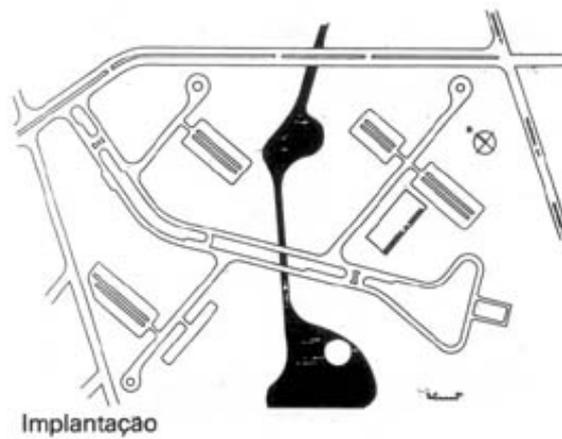


Figura 17: Plano Diretor Cambeba
 Fonte: Cadernos Brasileiros de Arquitetura

A implantação do edifício da Secretaria da Fazenda²⁴, atualmente Palácio da Justiça, procura integrar-se ao plano diretor, sem se destacar formalmente dos demais edifícios do conjunto. A implantação prioriza as potencialidades paisagísticas da área e a permeabilidade com os demais blocos através do uso dos pilotis, que, devido ao desnível do terreno apresenta um pé-direito diversificado. Esta circulação está disposta transversalmente nas duas extremidades do edifício e possibilita uma área de passagem sombreada, evitando o contorno a céu aberto.

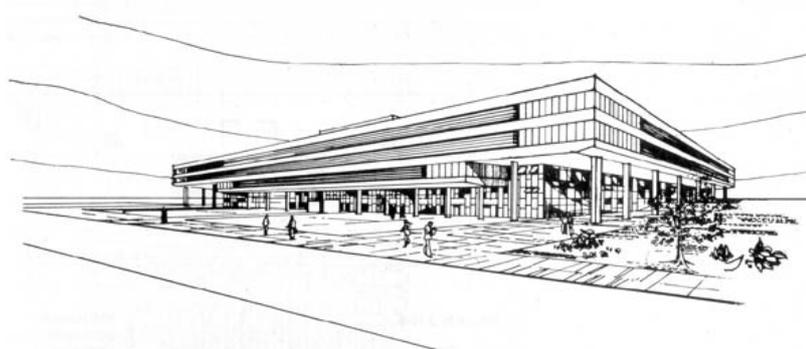


Figura 18: Perspectiva Secretaria da Fazenda (1982)
 Fonte: Cadernos Brasileiros de Arquitetura



Figura 19: Secretaria da Fazenda (1982)
 Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo



Figura 20: Secretaria da Fazenda (1982)
 Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo

²⁴ O Projeto inicial foi concebido em parceria com o arquiteto e também professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, Nearco Barroso Guedes de Araújo e a versão final contou com a colaboração da arquiteta Maria do Carmo de Lima Bezerra.

O edifício ratifica os preceitos modernos propostos pelo arquiteto: uma malha ortogonal rígida, que marca a estrutura e possibilita a total flexibilidade da planta, limitada exclusivamente pelas circulações verticais (escadas e elevadores) e o vazio central que interliga os níveis. Além do concreto armado, foi utilizado de forma abundante o vidro nos dois primeiros níveis, conferido grande leveza à composição e nos demais, compondo a linha predominantemente horizontal da edificação, janelas tipo fita, “à *Le Corbusier*”, devidamente protegidas por brises.

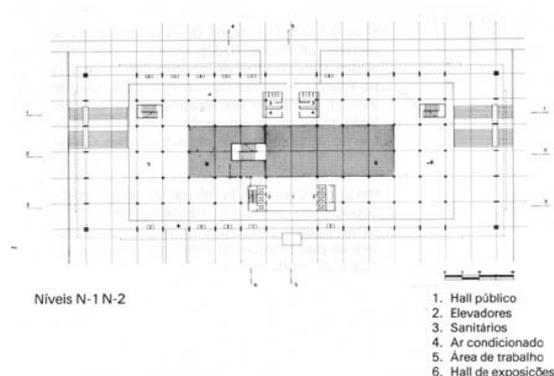


Figura 21: Planta Nível 01 e 02
Secretaria da Fazenda
Fonte: Cadernos Brasileiros de Arquitetura

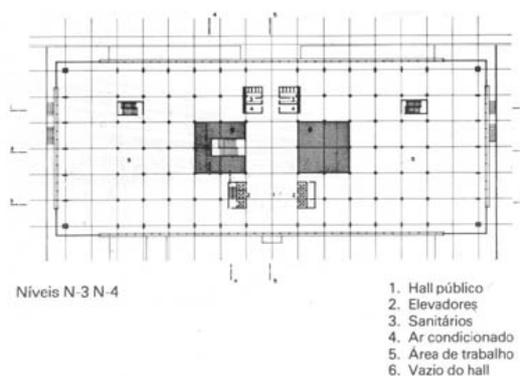


Figura 22: Planta Nível 03 e 04
Secretaria da Fazenda
Fonte: Cadernos Brasileiros de Arquitetura

O edifício evoca alguns aspectos simbólicos típicos da visão modernista, pois “*pretende ser representativo dos valores culturais e do estágio de desenvolvimento tecnológico da construção no Ceará*”²⁵.

IML – Instituto Médico Legal – um marco na paisagem

O terreno onde está implantado o edifício, localizado na faixa litorânea do Centro de Fortaleza, apresenta algumas singularidades, tais como: a vista desimpedida para o mar; um desnível de aproximadamente dez metros nos sentidos norte-sul e leste oeste e finalmente seu formato irregular.

O partido optou por uma proposta que acompanha a irregularidade do terreno: as funções estão resolvidas em um único pavimento que se desenvolve com base em uma suave curva que parece se desprender do solo e é interligado a ele por uma rampa, outro traço característico da arquitetura moderna brasileira.

²⁵ Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Panorama da Arquitetura Cearense (Vol. 02) – página 103

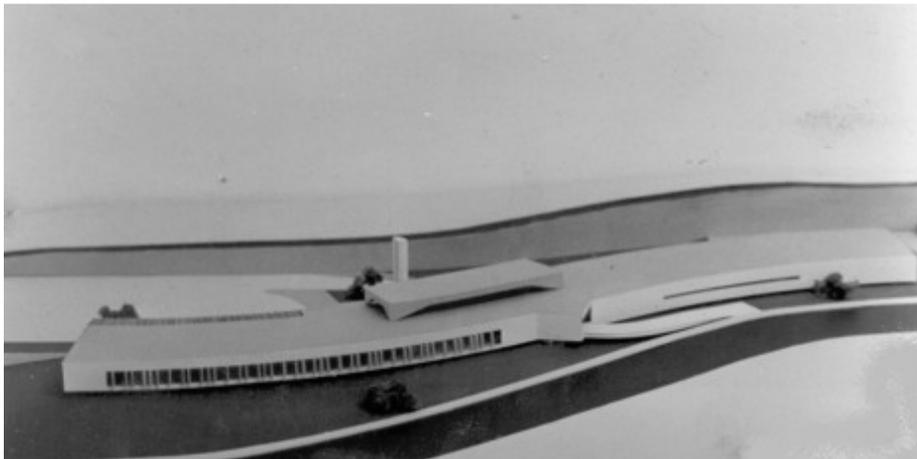


Figura 23: Maquete Instituto Médico Legal
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo



Figura 24: Vista Externa Instituto Médico Legal
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo



Figura 25: Vista Rampa Instituto Médico Legal
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo

Sua localização foi bastante questionada e considerada mesmo inadequada, por situar-se em zona de grande potencial paisagístico, incompatível, portanto, com seu uso. O edifício tem um caráter eminentemente fechado, uma vez que sua destinação não favorece a inter-relação entre o interior e o exterior. Castelo rasga uma janela horizontal na fachada em um trecho de circulação defronte ao mar, a fim de iluminar e tirar partido das visuais.

O acesso dos veículos que conduzem os cadáveres foi resguardado na parte posterior do edifício e a privacidade assegurada pelo próprio desnível do terreno. Devido à especificidade do programa, o arquiteto projeta na cobertura um quirófano, que consiste em um vazio superior à sala de necropsia para visualização das autopsias realizadas pelos acadêmicos de medicina.

Semelhante ao projeto da Assembléia, a ventilação e iluminação natural se fazem através de aberturas na cobertura e do recurso de soltar as empenas do chão. Em contrapartida, os elementos de concreto se misturam a panos de alvenaria.

As Obras Contemporâneas: ainda modernas?

Centro de Artesanato Luiza Távora

O Centro de Artesanato Luiza Távora (CEART), localizado em meio uma grande praça no Bairro da Aldeota foi construído no início da década de 1990 com o intuito de dar visibilidade ao artesanato cearense, constituindo um centro de exposição, comercialização e incentivo a esta atividade tão importante do Estado.

As características do projeto são atípicas, se relacionadas com o conjunto da obra do arquiteto. Esta diferenciação se apresenta no tipo e forma dos materiais empregados: estruturas treliçadas de madeira na cobertura e telhas cerâmicas, que se distanciam do usual emprego do concreto. Destaca-se também o uso de uma certa policromia na definição dos elementos estruturais e de vedação: as colunas que dão suporte às diversas tesouras de madeira foram pintadas de vermelho e as esquadrias de caixilho de ferro basculantes aparecem na cor verde.

No entanto, é preciso que se reconheça que este suposto “sotaque regionalista” está inserido ainda na lógica moderna. A racionalidade estrutural e as conformações plásticas e espaciais tornam a leitura dos arranjos arquitetônicos facilmente apreensíveis, tais como: a estrutura, a vedação, a simetria e a modulação. O arquiteto se aproxima de uma linguagem mais convencional, atentando para referências arquitetônicas fortemente ligadas ao imaginário local, como o telhado inclinado com telhas cerâmicas e as varandas periféricas aos ambientes (lojas, administração e exposições). Aliás, estas soluções contribuíram satisfatoriamente para garantia do conforto térmico no edifício, aliadas às esquadrias tipo basculante, que se desenvolvem do piso ao teto, além de funcionar como artifício de integração entre interior e exterior, permitindo grande permeabilidade visual ao conjunto.

A solução paisagística da praça e sua relação com o edifício criaram espaços residuais bastante interessantes e convidativos à permanência, proporcionados também pelas inflexões da planta e a vegetação circundante.

Esta obra demonstra, apesar do emprego de novos materiais, a permanência da centelha moderna na produção do arquiteto.



Figura 26: Vista Externa Centro de Artesanato
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo



Figura 27: Varanda Centro de Artesanato
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo

Igreja N. Sra. da Glória

O projeto da nova Igreja da Glória, no bairro Cidade dos Funcionários em Fortaleza, surgiu da necessidade de substituição do antigo templo, bastante degradado e insuficiente para conter a crescente demanda de fiéis e usuários da região.

O edifício está implantado de forma privilegiada em terreno regular, definido por três largas avenidas, permitindo fácil visualização do conjunto. O programa é composto pelo bloco da nave, a sacristia e um bloco secundário destinado às atividades da comunidade e eventos.

A obra se iniciou com a construção da nave principal. O arquiteto adotou uma forma semicircular, priorizando a convergência para o altar como ponto focal, centro das atenções dos fiéis, com o intuito de torná-lo visível de todos os lugares. As intenções simbólicas, de ordem espiritual, são alcançadas por intermédio de um desenho racional, pois o minucioso estudo da curva de visibilidade foi criado para que todos possam participar igualmente da celebração, nestas condições, “*todos são iguais perante Deus*”, “*pois o círculo é a figura geométrica que proporciona essa homogeneidade*”²⁶.

O arquiteto explora outros simbolismos na concepção do edifício: a luz é tratada de forma a contribuir para introspecção do fiel, utilizando o recurso de vitrais na parte posterior ao altar, além da iluminação zenital nos limites do invólucro do bloco, criando a sensação de que o forro está flutuando.

Alguns elementos arquétipos do edifício religioso, reinterpretados do barroco brasileiro pelo modernismo, servem de influência para o projeto. Estas referências aparecem no campanário, que remete ao da Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, como revela o próprio arquiteto.

O ambiente sagrado da Igreja se expressa através do espaço arquitetônico, configurado muito mais pela forma e pelos efeitos de luz que pelo seu aspecto decorativo, uma vez que ele não se vale da utilização de imagens, nem pictóricas, nem escultóricas. A negação do ornamento constitui uma postura absolutamente moderna.



Figura 28: Igreja N. Sra. da Glória – Nave e Sacristia
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo



Figura 29: Igreja N. Sra. da Glória – Nave
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo

²⁶ “Crítica Estética e Teórica: Igreja Nossa Senhora da Glória” – Trabalho realizado na disciplina de Estética e Teoria da Arquitetura e Urbanismo no CAU-UFC em Outubro d 2004 pela aluna Marina Cavalcante Monteiro.

Os princípios modernos persistem no projeto da igreja: a racionalidade, a funcionalidade e a simplicidade da composição; as preocupações com os detalhes construtivos; a utilização do sistema de esquadrias tipo basculante empregada nos vitrais e o atendimento às condicionantes climáticas.

Apesar de utilizar ainda o concreto aparente, Roberto Castelo incorpora à sua prática projetual novos sistemas construtivos, incluindo, também, novos materiais, como é o caso da estrutura espacial em aço da coberta, que é aparada por consoles de concreto, a marquise metálica que marca o acesso e o revestimento de cerâmica.



Figura 30: Igreja N. Sra. da Glória – Interior
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo

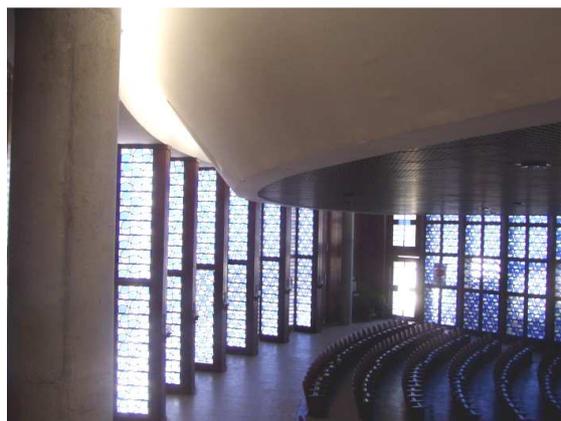


Figura 31: Igreja N. Sra. da Glória – Vitrais
Fonte: Arquivo Pessoal Roberto Castelo

Interferências na obra

Convém salientar a questão das interferências ocorridas na obra do arquiteto ao longo dos anos. Essas intervenções incidiram em diferentes aspectos, na maior parte das vezes descaracterizando completamente o projeto original e são feitas sem a prévia consulta ao autor da obra, atitude da qual se ressentiu o arquiteto.

Para exemplificar, aquelas obras construídas ainda na década de 1970, quase todas com elementos de concreto aparente, sofreram desgaste com o tempo e receberam intervenções que certamente interferiram negativamente, modificando a concepção inicial, como é o caso da Fábrica de Sorvetes Bembom, onde foram aplicados revestimento e pintura; a Secretaria da Fazenda (atual Palácio da Justiça) sofreu acréscimo em suas instalações, inclusive modificando a fachada do edifício; no IML, foram utilizadas as áreas inicialmente previstas para serem descobertas, no interior do edifício, o que comprometeu seriamente o sistema de aeração e iluminação. Some-se a isso, a mudanças de uso das residências e as conseqüentes adaptações, resultando numa total descaracterização do projeto inicial, como se observa na antiga residência de Vanley Melo, transformada em restaurante.

A mais comprometedora de todas, no entender do arquiteto, é o caso da Assembléia Legislativa. A obra foi alterada em vários aspectos, entre outros, na compartimentação e fragmentação do espaço interno, na eliminação da iluminação zenital e substituição por telhas metálicas e na colocação do gradil em volta do terreno.

Essa questão das intervenções indevidas na obra de arquitetura, associada à demolição freqüente de inúmeras residências não se restringe à obra de Castelo, mas vem acontecendo de maneira geral e indiscriminada na capital fortalezense, resultando na destruição de uma produção arquitetônica²⁷ de relevante interesse, revelando um total desrespeito a todo um acervo deveras significativo para a memória da Cidade, sobretudo quando se constata que parte dessas intervenções são efetuadas não somente por particulares, mas também pelo Poder Público. Alguns arquitetos, autores dessas obras, amargam essa situação, auto-denominando-se “arquitetos de obras demolidas”.

²⁷ “Trata-se de uma arquitetura procedente das décadas de 60 e 70, de autoria dos primeiros arquitetos que passaram a atuar em Fortaleza, introduzindo princípios da arquitetura moderna, produção digna de ser preservada, mas que está rapidamente desaparecendo, para surgirem em seu lugar edifícios altos”. (DIÓGENES, 2006, in “Aldeota: dinâmica urbana e memória” - *Jornal O Povo* 08/01/2006)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro diverso e heterogêneo da arquitetura contemporânea brasileira que segue tendências regionais é herdeiro do panorama de difusão e desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira, como explica Segawa no livro *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* no capítulo “a afirmação de uma hegemonia”, fato confirmado também por FICHER E ACAYABA :

Simultaneamente à construção de Brasília, devido á industrialização que se estende por todo o país, a linguagem arquitetônica de origens comuns vais se enquadrar em um novo contexto: diferenças econômicas, climáticas, tecnológicas e de programas conduzem a um processo de regionalização. Enquanto é possível falar de uma arquitetura tropical que se estende do Rio de Janeiro a Fortaleza e Manaus, o contraste entre o Sul industrializado e o Nordeste rural e pobre reflete diferenças sociais insuperáveis (...) Deixa de existir uma expressão dominante para a arquitetura brasileira, a qual vai dar lugar a uma produção diferenciada cuja lógica deve ser procurada em cada região (FICHER E ACAYABA, 1992:48).

Nesse contexto, o trabalho do arquiteto Roberto Castelo deve ser tomado como referência importante para o desenvolvimento da arquitetura cearense, ao contribuir de forma relevante para a difusão e consolidação da arquitetura moderna em nosso meio.

Com efeito, Castelo pertence à geração de arquitetos responsáveis por introduzir na cidade uma nova concepção acerca dos princípios estéticos, espaciais e construtivos, característicos do ideário moderno, estabelecendo uma nova linguagem na arquitetura local, além de possibilitar, com sua postura profissional e ética, a valorização do papel do arquiteto.

A atuação desses arquitetos possibilitou de forma incontestável a aceitação dessa nova feição da arquitetura e foi bastante profícuo o legado arquitetônico deste período. Vale salientar, no entanto, que a precária sistematização da documentação sobre a obra dessa geração dificulta a compreensão de seu valor para o estudo da arquitetura cearense.

Enfim, a carência de estudos sistemáticos sobre a produção dessa arquitetura revela a importância da pesquisa, pois pretende, por intermédio da documentação deste acervo, contribuir para a sua valorização, conservação e preservação. O trabalho ao registrar este legado, almeja ainda contribuir para a produção de conhecimento sobre a cidade e a arquitetura cearense, proporcionando às novas gerações de arquitetos a consciência dessas referências modernas, no sentido de propor uma arquitetura contemporânea com base numa postura crítica.

BIBLIOGRAFIA

BICCA, Paulo. Brasília: mitos e realidades. In: **Brasília: Ideologia e realidade/Espaço Urbano em Questão**, por Aldo Paviani (org). São Paulo

Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Panorama da Arquitetura Cearense. Volumes I e II. Projeto, São Paulo, 1982

CASTRO, José Liberal de. "Ceará, suas arquiteturas e seus arquitetos" In: **Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Panorama da Arquitetura Cearense**. Vol I. Projeto, São Paulo, 1982.

CASTELO, Roberto Martins. **Arquitetura e Sociedade**. Mimeo, Fortaleza, 2001.

DIÓGENES, Beatriz H.N. **Arquitetura e Estrutura: o uso do concreto armado em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado). Centro de Tecnologia, UFC. Fortaleza, 2001.

DIÓGENES, Beatriz H.N. **A centralidade da Aldeota como expressão da dinâmica intra-urbana de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado). FAUUSP, São Paulo, 2005.

FICHER, Silvia e ACAYABA, Marlene. **Arquitetura Moderna Brasileira**. Projeto, São Paulo, 1982
Jornal **O Povo**

PAIVA, Ricardo A. **Entre o mar e o sertão: Paisagem e memória no Centro de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado). FAUUSP, São Paulo, 2005.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo. Edusp, 2002.